

Collor não vai à Argentina para não se encontrar com Sarney

RICARDO BRUNO

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, suspendeu ontem a viagem que faria à Argentina, para a posse do novo Presidente argentino, Carlos Saúl Menem. O pretexto para a suspensão da viagem é a suposta incompatibilidade entre a programação em Diamantina — quando a deputada Márcia Kubitschek assinará a ficha de filiação ao partido. Na verdade, a decisão deve-se a um conselho dos assessores do candidato. Entenderam que a presença do candidato na Argentina, ao lado de Brizola e do Presidente Sarney, não seria produtora, dois dias depois do encontro com Margaret Thatcher.

Collor desembarcou às primeiras horas da manhã de ontem, no Rio, com a certeza de que conseguiu pôr fim às versões segundo as quais o ex-Governador Leonel Brizola (PDT) seria o único postulante à Presidência com reconhecido trânsito internacional. Após correr os olhos na lista preparada por sua assessoria, com os nomes das personalidades com quem se avistara, Collor aceitou o desafio: comparou seu périplo pela Europa com a viagem Brizola.

— Na realidade, não há o que comparar. Se colocarmos lado a lado os

nomes de meus interlocutores e os dele, saltará aos olhos o êxito de minha viagem — resume.

Collor aposta tanto nos efeitos destes encontros internacionais que já programa nova viagem para o início de setembro: aos Estados Unidos, onde se encontraria com autoridades econômicas. A data escolhida precede a próxima reunião do Fundo Monetário Internacional, na qual o de-

bate sobre a dívida dos países do Terceiro Mundo ocupará boa parte da pauta. O candidato pretende lançar, nos EUA, a proposta de tratamento diferenciado aos países devedores da América Latina. E acredita obter apoios dentro do FMI.

Para se livrar da pecha de conservador que lhe é imposta pelos adversários à esquerda, Collor sonha também com uma viagem a Cuba. Sem



Collor de Mello chega ao Rio, após visita a diversos países de Europa

Foto de Paulo Moreira

qualquer manifestação favorável de Fidel Castro, o candidato autorizou seus assessores a darem andamento aos contatos preliminares.

O único percalço de seu giro pela Europa se deve à decisão do Presidente da França, François Mitterrand, de não recebê-lo. Hoje, talvez, fosse outra sua posição. Um dia após retornar de uma viagem ao Brasil, Robert Mitterrand, irmão de François, participou de um jantar oferecido a Collor na Embaixada do Brasil. Confessou estar impressionado com a popularidade do candidato e prometeu demover o irmão da posição de aliado de Brizola. Três dias depois, em Roma, Collor recebeu, num telefonema, o resultado da conversa. O Presidente teria dito ao irmão:

— Se Collor está tão bem assim, nosso amigo Brizola vai perder o emprego.

Os encontros de Collor tiveram características peculiares: com Mário Soares, predominou a discussão sobre a possibilidade de Portugal abrir as portas para o Brasil penetrar no Mercado Comum; com o Helmut Kohl, da Alemanha, o meio ambiente foi o tema central; e com a Primeira-Ministra Margaret Thatcher, privatização e dívida externa foram temas hegemônicos; e o Papa João Paulo II o recebeu em audiência privada.